

Ou eu ou o cachorro

Dicas infalíveis para ter
uma relação melhor com
cães desobedientes





Ou eu ou o cachorro

Dicas infalíveis para ter uma relação
melhor com cães desobedientes

Victoria Stilwell

Tradução de Carolina Caires Coelho



Dedico este livro a meus amores: meu marido, Van, e minha filha, Alexandra. Sou abençoada por ter vocês em minha vida; eu os amo demais.

Copyright © texto 2005 Ricochet
Copyright © imagens 2005 Mark Read
Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers, 10 East 53rd
Street, Nova York, NY, 10022.
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial	Marcelo Duarte
Coordenadora editorial	Tatiana Fulas
Assistente editorial	Karina Danza
Diagramação	Divina Rocha Corte
Preparação	Alessandra Miranda de Sá
Revisão	Telma Baeza G. Dias Ana Maria Barbosa

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S875o

Stilwell, Victoria
Ou eu ou o cachorro – dicas infalíveis para ter uma relação
melhor com cães desobedientes / Victoria Stilwell; tradução
de Carolina Caires Coelho. – São Paulo: Panda Books, 2009.

Tradução de: It's me or the dog – how to have the perfect pet

1. Cão – Adestramento. 2. Cão – Criação. 3. Ou eu ou o
cachorro (Programa de televisão). I. Título.

08-5438.

CDD: 636.7
CDU: 636.7

2009
Todos os direitos para publicação no Brasil reservados à
Panda Books
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 2628-1323
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br

Sumário

- 6 **Introdução**
- 14 **Pense como um cachorro – compreenda seu cão**
- 38 **Fale como um cachorro – comunique-se com seu cão**
- 56 **Escola de cachorro – treinamento básico para obediência**
- 94 **Jantar de cachorro – sirva os alimentos certos a seu cão**
- 112 **Acidentes acontecem – como treinar seu cachorro dentro de casa**
- 132 **Você nunca vai andar sozinho – exercite seu cachorro**
- 160 **Nada de desobediência – ensine seu cachorro a viver em seu mundo**
- 196 **Descanso do trabalho – como se divertir com seu cão**
- 216 **Agradecimentos**





Introdução

Quando eu era criança, tinha muita vontade de ter um cachorro. À noite, costumava deixar bilhetinhos embaixo do travesseiro de meu pai: “Por favor, papai, me dá um cachorrinho? Prometo que, se ganhar um cachorro, nunca mais vou me comportar mal”. Meu pai sempre se recusou. Havia um bom motivo para isso: ele não gostava de cães. Na verdade, ele sabia que, quando a presença do cachorro deixasse de ser novidade, seriam ele e minha mãe os responsáveis por cuidar do animal. Os dois trabalhavam fora, por isso não era uma boa ideia. Pensando bem, vejo que eles estavam certos. Nos últimos 15 anos, pude recuperar o tempo perdido. Já trabalhei profissionalmente levando cães para passear, trabalhei em canis e em hotéis para cachorros. Já treinei cães, resolvi problemas de comportamento para clientes particulares e atuei como consultora em organizações protetoras de cães. E já cuidei de mais de quarenta animais que eram velhos demais, difíceis demais ou doentes demais para serem facilmente redomesticados.

Na adolescência, entretanto, o mais próximo que cheguei de ter um cão era nas visitas que fazia a minha avó. Ela criava bigles. Que delícia era aquilo! Nosso passeio favorito era caminhar com os cães ao longo do rio Tâmisia. Às vezes, os cães se soltavam. Lembro-me muito bem de quatro bigles correndo ao pôr do sol, orelhas balançando, bocas abertas como se sorrissem pela emoção da fuga, enquanto minha avó, sem sucesso, gritava para que eles voltassem. Eram os cães mais mal treinados que se possa imaginar, mas, quando finalmente voltavam para casa sozinhos depois de algumas horas, sujos, cansados e animados, eles eram as criaturas mais felizes do mundo.

Minha avó foi uma grande inspiração para mim e influenciou muito meu trabalho. Ela cresceu em uma família afortunada e bem de vida, com quatro irmãos mais velhos, mas nunca se adequou à maneira que seu pai desejava que sua filha se comportasse. Em vez de usar belos vestidos, ela queria montar cavalos, trabalhar em canis e ficar toda suja, como seus irmãos podiam fazer. Com a morte de seu pai, quando minha avó era ainda adolescente, ela conseguiu seguir o próprio caminho. Muito antes de eu nascer, ela abriu um dos primeiros pet shops de Londres, e então se tornou criadora de bigles. Seus cães, apesar de precisarem de um pouco de treinamento, nunca foram mimados, embora fossem os primeiros a receber o carinho dela. Aqueles cães tinham uma vida cinco estrelas.





Benno foi meu primeiro cão. Digo “meu”, mas eu não era de fato a proprietária. Era uma jovem aspirante a atriz e, como muitos outros atores, passava mais tempo trabalhando como garçõete do que atuando. Minha irmã era enfermeira veterinária e complementava sua renda com trabalhos esporádicos para cuidar de cães. Totalmente sem dinheiro e desesperada para ter uma vida minimamente normal, segui o conselho que ela me deu e publiquei anúncios de trabalho como *dog-sitter*. Poucos dias depois, recebi o primeiro telefonema dos donos de Benno.

Benno era um filhote de border collie que vivia com dois advogados atarefados. Até mesmo naquela época era estranho para mim o fato de duas pessoas que trabalhavam fora o dia todo terem decidido levar um cãozinho para a casa delas, mas pelo menos tiveram o bom senso de contratar alguém para cuidar do animalzinho enquanto estavam fora.

Nunca vou esquecer nosso primeiro passeio em Wimbledon Common. Benno olhava para mim com muita animação e, de alguma maneira, seus olhos transmitiam uma energia que me contagiava. Aquele momento marcou o início de minha maravilhosa relação com cães.

Poucos meses depois de assumir a tarefa de passear com Benno, eu exercitava vinte cães por dia. Na parte da manhã eu me dedicava aos animais aos quais me referia como “desajustados” – um grupo variado que representava muitas das espécies mais populares. Teddy, o filhote de labrador, gostava de rolar em todas as poças de lama que encontrava. Shanty, o collie barbudo e epilético, gostava de pular em cima das plantas como se fosse uma bailarina, enquanto Wilbur, o boxer branco, que fingia ser durão, era sempre o primeiro a correr e se esconder atrás de minhas pernas quando qualquer cachorro ficava irritado com ele.

O turno da tarde era tomado pelos “aristocratas”. O schnauzer, Willie, e Archie, o terrier West Highland, olhavam para os outros cães com ar de superioridade ao farejar o chão. Entretanto, a *grande dame* do grupo, que mantinha todos em seus devidos lugares, era Jessie, o pastor-alemão cujo dono era um político conhecido.

Independentemente de estar com os desajustados ou com os aristocratas, eu caminhava por horas em Wimbledon Common, cercada por essas criaturas gloriosas. Os cães nunca fugiam, nem

mesmo quando estavam sem coleira, e nunca brigavam. Jamais me questioneei sobre o porquê desse comportamento. Apenas quando me tornei treinadora consegui compreender o motivo de aqueles cães quererem estar comigo. Para eles, eu era a líder, e eles escutavam tudo que eu dizia. Eles sabiam que o que havia entre nós era bom, e que, quando eu aparecia para levá-los para passear, coisas agradáveis e emocionantes estavam prestes a acontecer. Eles me respeitavam porque eu os tratava com o máximo respeito e cuidado. Eles confiavam em mim e compreendiam que eu os protegia. Aqueles cães de gênio difícil e personalidades distintas me apresentaram ao mundo fascinante do comportamento canino.

Certo dia, no Common, conheci um behaviorista e ficamos conversando – é possível conhecer pessoas interessantes quando caminhamos com cães em parques! Na época, eu começava a me interessar pelo comportamento dos cães e a partir daquele momento passei a basear minhas observações em estudos; lia livros, participava de seminários e fazia cursos. Ao mesmo tempo, era voluntária para passear com os cães da famosa Battersea Dogs' Home – minha primeira experiência com cães resgatados. Também trabalhei com agências de resgate de cães de caça e outros abrigos de cães.

Quando me mudei para o outro lado do Atlântico, para a cidade de Nova York, em 1999, meu trabalho alçou uma nova etapa. Abri uma escola de treinamento para ministrar aulas a famílias com filhos, dando-lhes treinamento canino seguro e eficaz. Trabalhei com a ASPCA (The American Society for the Prevention of Cruelty to Animals) e com abrigos de resgate de cães em Manhattan. Atualmente, treino cães de todas as partes do estado de Nova York, Nova Jersey e Pensilvânia, e atuo como consultora de comportamento para diversas organizações de resgate na mesma região dos três estados.

Nos últimos cinco anos, meu marido e eu cuidamos de muitos cães que, sem nossa ajuda, não encontrariam um lar. Cuidamos de cães velhos até que morram e tratamos daqueles que precisam de remédios ou que sofreram abusos severos. Em muitos casos, conseguimos reabilitar cães que foram abandonados ou maltratados e encontramos novos lares para eles. Alguns animais permanecem conosco apenas algumas semanas antes de se mudarem para um novo lar; outros ficam cerca de um ano ou mais.



Os dois aspectos de meu trabalho, resgate de cães e treinamento canino, estão profundamente relacionados. Você sabia que 96% dos cães que acabam abandonados em abrigos nunca tiveram nenhum tipo de treinamento? Um ano antes de eu chegar a Nova York, 67 mil cães e gatos viviam em abrigos, dos quais 47 mil foram sacrificados. É um desperdício trágico de vidas. A situação melhorou um pouco agora, graças ao fato de os donos de cães se tornarem mais conscientes da necessidade de castrar seus animais de estimação, mas, ainda assim, o número de animais que nascem é maior do que o de pessoas dispostas a cuidar deles corretamente.

Tenho grande respeito pelo cão doméstico. Há milhares de anos os cachorros convivem com os seres humanos e enfrentam todas as idiossincrasias de nosso mundo. Essa parceria indestrutível e singular entre cão e ser humano tornou o cachorro uma das espécies mais bem-sucedidas do planeta. Os ancestrais de seu cão garantiram a sobrevivência da espécie aliando-se à única outra capaz de protegê-los o suficiente das ameaças: o homem. Desde a batalha constante pela sobrevivência na mata a dormir confortavelmente em um sofá com comida de sobra e carinho, o animal dá provas de que é muito esperto!

Quando pergunto a um novo cliente o que quer alcançar treinando seu cão, a resposta mais comum é que ele quer treinar seu cão para ser obediente. Quer que o cão obedeça a comandos, como “sente-se”, “deite-se” e “fique”, além de ser domesticado para conviver bem com outras pessoas e outros cães.

Então pergunto quais são as necessidades dos cães, na opinião dos donos. A resposta é sempre muito parecida. Os clientes costumam dizer que o cão precisa aprender a “sentar”, “ficar” e “deitar”, ser domesticado e saber se comportar. E é assim a visão popularizada do que o treinamento canino envolve.

Raramente um cliente me diz que quer aprender como seu cão aprende, como o animal se comunica e de que ele precisa para ser bem-sucedido. Mas é só isso: o treinamento está relacionado a compreender como seu cão percebe o mundo ao redor dele. Com esse conhecimento, você se torna um comunicador melhor e cria um ambiente no qual seu cão é feliz e tem a confiança necessária para viver domesticado. Compreensão e comunicação: simples assim. Nós nos preocupamos tanto em ensinar o sentar,

o ficar e o vir quando o chamamos que perdemos a compreensão de *por que* fazemos isso.

Este livro pretende dar a você uma base sólida de conhecimento sobre a qual construir seu treinamento. Pense que ele será seu sistema de apoio. É claro que você pode ensinar seu cão a “sentar” e “vir” sem compreender muito a respeito do comportamento nato. Mas, mais cedo ou mais tarde, você vai encontrar um problema ou uma área de dificuldade que exija uma abordagem mais adequada. Se não souber do que o cão precisa ou se não for capaz de se comunicar com ele em uma língua que ele compreenda, não vai conseguir solucionar o problema. Nesse estágio, muitos donos têm uma destas duas reações: ou desistem e ignoram a situação, ou recorrem a castigos severos que, inevitavelmente, deixam tudo pior. Algumas pessoas seguem a vida lidando com um cão desobediente, aceitando todas as restrições que tal situação impõe. Outras se veem no fim da linha e decidem abrir mão do animal. Não precisa ser assim.

Como treinadora, já vi de tudo, desde o cão que tentava comer a parede para atravessá-la sempre que o dono saía de casa a problemas mais comuns, como mastigação de sapatos, latidos no quintal e perseguições a gatos. Como cuidadora de cães, sei bem o preço que os animais pagam quando os donos não podem ou não querem treiná-los adequadamente. Por isso fiquei muito feliz ao receber o convite para participar da série de TV *Ou eu ou o cachorro*, pois posso mostrar como técnicas basicamente simples podem mudar situações consideradas sem solução.

Ao longo do livro, você encontrará conselhos sobre todos os aspectos que envolvem os cuidados a cães, desde o que lhes dar para comerem a como caminhar com eles. Ao mesmo tempo, também encontrará soluções testadas e aprovadas para o tipo de problemas comuns que a maioria dos donos encontra de vez em quando. Treinamento não tem nada a ver com impor sua vontade ao cachorro, mas, sim, dar a ele as ferramentas necessárias para que viva em seu mundo.

Os cães são animais maravilhosos. Eles sempre me fascinam e inspiram. Reserve o tempo necessário para treinar seu animal de estimação e receberá uma retribuição muito maior de amor, afeto e boa companhia, coisas que os cães acrescentam à nossa vida.



As dez principais regras para criar e treinar cães

1 Pense como um cachorro

Compreenda como os cães aprendem e as coisas de que a espécie deles precisa. Os cães não são seres humanos, mas muitas pessoas os tratam como tal.

2 Fale a língua dos cães

Aprenda a se comunicar de modo eficiente na língua *canina*. Os cães não falam português nem qualquer outro idioma. No entanto, você pode aprender a falar com eles.

3 Cão-chefe

Quem está no comando? Você. Você precisa ser o líder de matilha de seu cachorro. Ele vai ficar muito mais feliz e bem-comportado se não tiver de se preocupar em ser responsável por *você*.

4 Dê reforço positivo

Recompense o bom comportamento. Coisas boas acontecem quando seu cachorro se comporta bem! Ignore ou corrija o comportamento que você não deseja incentivar. Parece simples, mas muitas pessoas fazem exatamente o oposto sem perceber. Nunca, em hipótese alguma, use castigos cruéis.

5 Momento certo

Observe qual é o momento certo para recompensar ou corrigir. Como um comediante *stand-up*, você precisa de divisões de tempo por segundos. Os cães não associarão uma recompensa ou correção com uma ação se você demorar demais para reagir. É preciso responder *um segundo* depois do comportamento.

6 Ele diz, ela diz

Seja sempre constante – isso vale para todos os membros da família. Usem os mesmos comandos e entrem em um acordo a respeito das regras da casa. O cão pode ficar no sofá ou não? Mensagens diferentes confundem os cães e os tornam ansiosos porque eles não compreendem o que devem fazer.

7 Conheça seu cão

Seu cão é um ser com qualidades, defeitos e preferências. Deve-se considerar as características de raça – se pura ou misturada. Siga o fluxo.

8 Mude as opções

Ofereça diferentes experiências para estimular o cérebro e os sentidos de seu cão. Os cães gostam de brincar e ficam entediados, assim como nós. Não realize o treinamento no mesmo lugar ou adotando a mesma postura. Ensine seu animal a obedecer a seus comandos em todas as situações.

9 Aprendizado para a vida toda

Comece o treinamento cedo e continue reforçando o aprendizado ao longo da vida do cachorro. Você pode e deve ensinar truques novos a cães velhos.

10 Quanto mais fácil, melhor

Simplifique as coisas para que seu cão seja bem-sucedido. Cuide do ambiente dele. Tire os sapatos do caminho para que não sejam mastigados. Ao treinar um cão, aceite o fracasso como parte do processo de aprendizado. O treinamento bem-sucedido requer paciência.



A coastal landscape featuring a wide, pebbly beach in the foreground. In the middle ground, there is a wooden pier or breakwater extending into the sea. The sky is filled with heavy, grey clouds. The overall mood is somber and contemplative.

Pense como um cachorro
Compreenda seu cão



Para treinar seu cão, em primeiro lugar você tem de ver o mundo da maneira que ele vê. Os cães não são seres humanos, mas muitas pessoas os tratam como se fossem – e é bem aí que começam os problemas. Seu cão pode viver com seres humanos no nosso mundo, mas seus instintos continuam sendo puramente caninos.

Vamos analisar um exemplo. Você leva seu cão para o parque, ele corre por todos os lados durante um tempo, farejando o chão, e então para e rola na grama. Se você vir a cena com o olhar de um ser humano, acreditará que o cachorro está rolando na grama pelo simples prazer de fazê-lo. Talvez pense que ele encontrou uma nova maneira de coçar as costas. Ambas as interpretações podem estar parcialmente corretas, mas também é possível que ele esteja fazendo isso para se “cobrir” com determinado odor atraente (que você provavelmente não sente). Os especialistas não têm cem por cento de certeza, mas acreditam que os lobos se cobrem com um odor para reforçar o *status* que têm dentro da matilha ou para disfarçar o próprio odor quando estão caçando.

É um exemplo simples de interpretação equivocada do comportamento canino, que não terá nenhuma influência em seu relacionamento com seu cachorro. No entanto, em muitas outras circunstâncias, não entender os sinais pode causar problemas mais sérios. Compreender como o cão aprende e como ele percebe o mundo lhe dará uma base sólida na qual possa basear seu treinamento e uma maneira de se comunicar bem com seu animal de estimação.

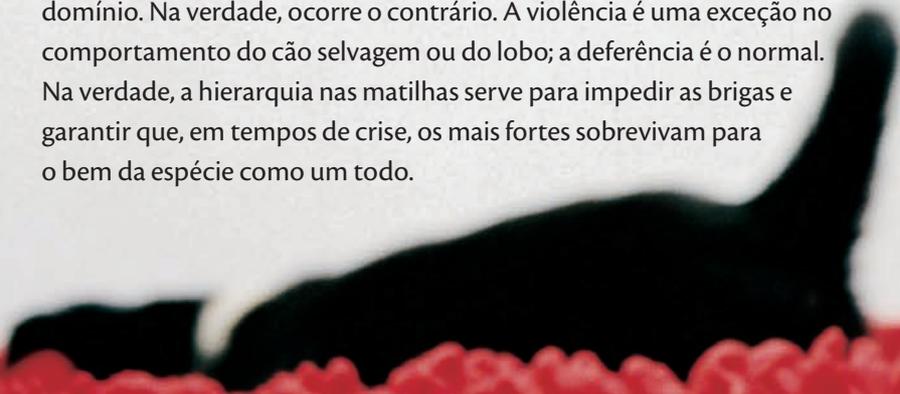
A close-up photograph of a golden retriever lying in tall green grass. The dog is looking upwards with its mouth open, showing its teeth. It is wearing a black collar with a silver ring. The grass is vibrant green and fills the background and foreground.

Seu cão pode viver
com seres humanos
no nosso mundo,
mas seus instintos
continuam sendo
puramente caninos.

A matilha

Os cães e as pessoas conseguem viver bem juntos porque, em certos aspectos, as duas espécies são muito parecidas. Assim como nós, os cães são criaturas bastante sociáveis. No mundo selvagem, o lobo, o antepassado do cão domesticado, vive em matilhas compostas por grupos familiares. Cuida de seus filhotes por um período relativamente longo e se comunica com os membros de sua matilha usando uma grande variedade de sinais, gestos e sons. A matilha é estruturada numa ordem, ou hierarquia, clara, com um macho e uma fêmea dominantes à frente do grupo e outros membros sob o comando deles, dependendo da idade, do gênero e das habilidades.

A comunicação é essencial para a sobrevivência da matilha. Ela permite que os membros coordenem ataques a presas e desempenha um papel fundamental na formação de elos dentro do grupo. De maneira igualmente importante, reforça a ordem hierárquica para que cada membro da matilha saiba qual é seu lugar no sistema. Muitas pessoas acreditam – e estão enganadas – que, quando deixados sozinhos, os cães constantemente brigam por controle e domínio. Na verdade, ocorre o contrário. A violência é uma exceção no comportamento do cão selvagem ou do lobo; a deferência é o normal. Na verdade, a hierarquia nas matilhas serve para impedir as brigas e garantir que, em tempos de crise, os mais fortes sobrevivam para o bem da espécie como um todo.







Por que você tem de ser o cão-líder

Quando você leva um filhote ou cão já crescido para dentro de sua casa, sua família se torna a matilha dele. Daí surge a pergunta: “Quem é o líder da matilha?”. A resposta é: “Tem de ser você”.

Você é o guia de seu cão dentro do ambiente doméstico desconhecido e maravilhoso no qual ele se encontra. Os cães podem ter sido companheiros dos seres humanos há milhares de anos, mas isso não torna fácil para eles viver com regras sem direção clara. Quando você é o líder da matilha, o cão segue os sinais que você transmite e se porta com muito mais confiança em sua casa.

Algumas raças de cães são naturalmente mais dominantes do que outras, assim como os cães em si. Mas todos eles são muito mais felizes e mais bem-comportados quando reconhecem que os donos são os líderes da matilha. São mais felizes porque ficam livres do estresse de terem de estar no controle. São mais bem-comportados porque sabem que precisam se submeter aos seus desejos para conseguir o que querem – alimento, por exemplo, além de atenção e brinquedos.

Por outro lado, um cão que acredita estar no controle pode sofrer com a ansiedade da liderança. Pense nisso pelo ponto de vista do animal. Ele é responsável por você – tem de ser, já que é o líder da matilha –, e então você sai de casa. Ele não sabe quando você volta, se volta e o que vai acontecer a você enquanto estiver fora. Tudo que sabe é que é responsável por você e não pode fazer nada para protegê-lo. Não surpreende o fato de ele descontar sua ansiedade nos móveis ou no tapete. Pouco surpreende também o fato de ele desafiar as pessoas que forem a sua casa ou insistir em fazer as coisas do jeito dele.

Muitas pessoas erram ao achar que o castigo é a melhor maneira de mostrar ao cão quem manda. Antigamente, muitos adestramentos de cães eram bastante rígidos, com o uso de enforcadores, por exemplo, ou golpes. *Machucar um cão está sempre errado.* É sempre ineficaz. Ao bater em um cão, você ensina que ele deve temê-lo; você destrói sua confiança e enfraquece sua autoestima. Cães com baixa autoestima são os que costumam demonstrar comportamento agressivo. É compreensível... Você não deu outra opção a ele.

Portanto, como mostrar ao cão que você é o líder da matilha? Bem, é aqui que deve haver uma compreensão do comportamento canino.